

# Citânia de Briteiros

Autor: Francisco Sande Lemos

As ruínas da Citânia de Briteiros são citadas, pela primeira vez, nos textos dos antiquários do século XVI. Todavia, só principiaram a ser estudadas, a partir de 1875, quando Martins Sarmento aí realizou os primeiros trabalhos arqueológicos, que se ampliaram nos anos seguintes, revelando um extenso povoado, defendido por poderosas muralhas. A Citânia, malgrado o alargamento das escavações a numerosos outros castros do Noroeste de Portugal e da Galiza, continua a ser o paradigma dos grandes povoados proto-históricos, cujas origens remontam à Idade do Bronze Final e se desenvolveram ao longo da Idade do Ferro. Será, porventura, um dos maiores povoados fortificados do Noroeste Peninsular.

Este amplo povoado foi implantado num relevo granítico em esporão debruçado sobre o vale do Ave. O esporão beneficia de excelentes condições de defesa natural, devido ao pendor da suas vertentes. Porém o que mais se destaca é o seu excepcional posicionamento geo-estratégico. Dominando o médio vale do rio Ave, controla também as portelas de passagem da bacia do rio Este para sul. Por um lado, fecha o corredor fluvial de penetração no interior, para o alto Ave e, por outro, vigia o tradicional caminho das terras do Este e do Cávado para sul, para as bacias dos rios Ave, Sousa e Douro, corredor natural por onde mais tarde será construída via de *Bracara para Emerita*.

Por outro lado interessa salientar que no âmbito mais vasto da região de Entre Douro e Caminho, a Citânia ocupa o centro geométrico desse espaço geográfico, a meia distância entre a orla marítima a as montanhas interiores, bem como a meio caminho entre aqueles dois rios.

O seu posicionamento assegurava, a uma outra escala, a do seu território próximo e envolvente, o acesso às terras férteis do vale e às pastagens dos relevos que se estendem até à cumeada da Falperra – Sameiro. Uma vez que não se conhece nenhum outro grande povoado, na direcção noroeste, julgamos ser lícito afirmar que grande parte do território que se estende nessa direcção, até à linha das águas vertentes que separam o Ave do Este, estava sob domínio da Citânia. Um outro aspecto, não menos importante do relevo em

que assentou o povoado, era a abundância de afloramentos graníticos, como se observa em tanto cumes de Entre Douro e Minho. Estes afloramentos facultaram a matéria prima com que foram construídas as muralhas e as habitações do castro. Actualmente a plataforma superior é quase rasa, sendo evidente em muitos locais o granito liso, cortado, na vertical e na horizontal. Devemos, contudo, pensar que, anteriormente, o alto do esporão era formado por imponentes afloramentos de granito, numa fase inicial, quando se instalou o primeiro núcleo habitacional, na Idade do Bronze, no século X ou IX antes de Cristo.

Como todos os grandes povoados castrejos era defendida por um complexo sistema defensivo, formado por três linhas de muralhas que delimitavam uma vasta área, da qual apenas terá sido escavada cerca de metade, ou menos.

Devido à circunstância de estar afastado de aglomerados populacionais recentes as suas ruínas não foram muito afectadas, não se verificando o roubo de pedra que ocorreu em tantos outros povoados da Idade do Ferro. Por outro lado, a feliz circunstância do monte de S. Romão ter sido parcialmente adquirido por Martins Sarmiento no século XIX e a Citânia classificada como Monumento Nacional, facilitou a conservação, em bom estado.

Os dois grandes ciclos de escavação e restauro devem-se a Martins Sarmiento, de 1875 a 1889 e, no século XX, a Mário Cardoso que dirigiu os trabalhos entre os anos 30 e 50. Deste modo o conjunto de ruínas que se podem observar, na área intra-muros é bastante vasto, com paralelos nas Citânia de Sanfins ou de Terroso. Embora Francisco Martins Sarmiento tenha descoberto uma área considerável do povoado, como se pode verificar pela planta topográfica de 1892, a intervenção efectuada pelo Coronel Mário Cardozo também foi ampla não só em termos de área escavada, como também em trabalhos de restauro. De acordo com o próprio levantou mais de mil metros de muralha. Por outro lado, foi ele que recuperou os grandes arruamentos e que descobriu toda uma série de novas unidades habitacionais, em diversos pontos da Citânia. Ou seja, deve-se a Mário Cardozo a fisionomia actual do monumento, uma vez que no último quartel do século XX, apenas se realizou uma pequena intervenção e já em 2002 uma sondagem de carácter preventivo, no local onde vai ser construído o novo edifício de acolhimento aos visitantes. Os trabalhos de valorização destes últimos anos limitaram-se a consolidações de muros já restaurados e à limpeza de áreas que jaziam ao abandono deste as intervenções de Mário Cardoso.

Pode-se questionar a bondade de trabalhos tão dilatados, durante várias décadas num local de tamanha importância científica. Se é verdade que se perderam muitos dados, por outro lado adquiriu-se uma extraordinária visão de conjunto, que é facilitada pelas características do relevo. Ademais as escavações incidiram em especial sobre os estratos superiores, já da época romana, ou do século I antes de Cristo, de tal modo que o subsolo da Citânia ainda conserva muitos segredos para revelar sobre a sua extensa história, que remonta à Idade do Bronze.

Como em qualquer outro povoado da Idade do Ferro, as muralhas constituem um dos elementos mais destacados da Citânia. Foram identificadas três linhas de muralha que se desenvolvem a partir do istmo do esporão, alargando-se para sudeste e sudoeste, de acordo com morfologia do terreno. Quer devido à dimensão do povoado, quer porque a estrada nacional entre Briteiros e Braga, cortou duas linhas de muralha a oriente, o visitante não consegue abranger a área da Citânia, em toda a sua plenitude. Só através da fotografia aérea e dos levantamentos cartográficos é possível adquirir uma perspectiva fidedigna do povoado.

Há duas plantas da Citânia, uma elaborada em 1892 e outra em 1999. Cumpre elogiar o trabalho do engenheiro Álvaro Cantelães, que permite conhecer a área escavada por Martins Sarmiento e que, pela análise no terreno, nos parece ter sido realizada com cuidado e escrupulo. Tal cuidado verifica-se, por exemplo, no registo do caleiro que conduzia a água da nascente existente no alto nordeste do castro para o balneário, conduta pintada a azul. Supomos, mesmo, que terá sido o primeiro levantamento topográfico de um povoado castrejo. Para quem conhece o delicado material usado na época, aparelhos que implicavam pacientes operações de nivelamento, podemos imaginar o esforço e o tempo que terá exigido.

Foi esta a planta utilizada nas sucessivas edições do guia da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso, redigido por Mário Cardoso.

Em 1999 foi realizado um novo levantamento topográfico por António Correia, o qual já inclui a área escavada por aquele arqueólogo. Trata-se de um trabalho que nos parece razoável e que se lamenta não tenha sido ampliado para ocidente e para a encosta voltada ao Ave, incluindo assim todas as muralhas.

Para quem visita a Citânia a primeira impressão recai sobre os arruamentos, em particular sobre o grande eixo que atravessa no sentido sudoeste-norte, calçada que vai do balneário até ao sector nordeste da plataforma superior do povoado. Sem sondagens não é possível datar estes arruamentos. Inserem-se todavia na fase plena da Cultura

Castreja, no chamado proto-urbanismo de influência mediterrânica. Estamos em crer que os arruamentos da Citânia sejam antigos, embora melhorados na transição da Era Cristã.

Na área já escavada da Citânia observam-se pelo menos seis eixos, dos quais o mais extenso já foi referido. Este grande arruamento permitia, e ainda permite, aceder à plataforma superior num trajecto com pendor relativamente suave, adaptando-se de forma oblíqua à encosta oriental do povoado. A aspereza do empedrado leva-nos a considerar a hipótese de ter sido revestido, periodicamente, com uma argamassa dura, obtida com arena granítica bem compactada. Aliás, um dos tramos que hoje se percorre foi lajeado na década de trinta, a fim de facilitar o caminho. É um trabalho típico da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Deste grande arruamento divergem para poente, no sopé da encosta, duas outras ruas. Na parte nordeste do povoado o grande eixo que acabamos de referir cruza-se com outra rua que divide em duas metades, a leste e a oeste, a plataforma superior, a Acrópole.

Da rua principal da Acrópole, orientada de nordeste para sudoeste, divergem para sudeste, pelo menos outras duas ruas, as quais atravessam a plataforma e descem com acentuado pendor a encosta, ligando-se ao grande eixo que vai do balneário à plataforma superior.

Estes arruamentos delimitavam, assim, grandes bairros, os quais por sua vez, estavam divididos em unidades habitacionais de menor dimensão. Só uma análise minuciosa das notas de Martins Sarmento permitirá retirar eventuais ilações sobre diferenciações sociais ou funcionais correspondentes a esses bairros.

Quanto às unidades habitacionais sabe-se hoje que correspondiam a famílias extensas. É possível admitir que as unidades situadas na plataforma superior fossem ocupadas pelas famílias mais ilustres. Sabemos que uma dessas unidades era a Casa de Coronero, filho de Câmalo, localizada num dos pontos mais simbólicos da Citânia, num local elevado, com uma ampla panorâmica sobre o vale do rio Ave. Martins Sarmento afirma que foi no local da Casa de Câmalo que se recolheram mais elementos arquitectónicos decorados. Somos, pois, levados a especular sobre uma possível relação entre a importância da família e a decoração das paredes.

Cada uma destas “Casas”, era formada por várias construções, com finalidades distintas e que se aglomeravam num espaço delimitado por um muro. O pátio era lajeado conforme ainda hoje se observa em muitos destas unidades, na Citânia. A construção principal era normalmente circular, com um átrio exterior, num dos quais se encontravam bancos. Esta seria a habitação principal da família. Outras construções circulares

localizadas no mesmo espaço, poderiam ser casas de outros membros da família, eventualmente dos mais jovens. Construções rectangulares seriam espaços destinados a guardar alfaias, utensílios e alimentos. Segundo Armando Coelho uma cisterna faria parte do conjunto familiar. A maioria destas unidades abriam para as ruas que já mencionámos.

Quanto à cobertura das construções seria em colmo, colocando-se duas hipóteses: uma única para o conjunto, tal como foi proposto por Armando Coelho numa reconstituição materializada na Citânia de Sanfins; ou tectos individuais, o que no caso da Citânia nos parece mais conforme com a morfologia das unidades.

As duas casas reconstruídas na Citânia, por Francisco Martins Sarmiento, têm, como é evidente, paredes demasiado altas para a dimensão das casas. O próprio arqueólogo não ficou satisfeito com as reconstituições que mandou fazer. Todavia possuem um valor histórico por terem sido os primeiros restauros integrais de habitações castrejas.

Para além das unidades familiares, as ruínas da Citânia facultam-nos a possibilidade de observar uma casa de grandes dimensões, sem dúvida a Casa do Conselho, onde se reuniam os chefes das principais famílias.

Diversos autores sugeriram que a área habitada da Citânia seria restrita e que algumas das paredes que se observam na encosta oriental poderiam ser rediz de gado. Consideramos como pouco provável essa hipótese: as recentes sondagens efectuadas no local onde vai ser erguida a nova casa de acolhimento dos visitantes da Citânia, revelaram mais uma unidade habitacional, embora mal conservada, restando apenas os pavimentos.

O balneário, outro dos mais destacados elementos arquitectónicos da Citânia, foi descoberto em 1930, quando se abriu a estrada que corta a vertente leste do Monte de S. Romão. De acordo com o traçado das muralhas registado em 1892 situava-se intra-muros não muito longe da porta de entrada assinalada na mesma planta.

Nas escavações realizadas neste importante povoado, durante décadas, recolheu-se muito espólio da mais variada natureza. O mais abundante é a cerâmica. De acordo com os conceitos da época Martins Sarmiento guardou apenas os fragmentos de cerâmica decorada ou com perfis completos. Esta circunstância pode levar a uma ideia errada da olaria castreja. Na verdade, como ficou demonstrado nas sondagens de 2002, a quase totalidade da cerâmica era lisa. Este vasilhame era usado na cozinha, como louça de mesa e, talvez, com funções rituais.

A par da cerâmica o número de elementos arquitectónicos decorados é bastante significativo o que talvez indique um povoado onde o número de linhagens poderosas seria relativamente amplo.

Um aspecto que deve ser sublinhado é a importância da Citânia como núcleo de produção metalúrgica.

Já Armando Coelho chamou a atenção sobre peças inacabadas e fibulas por completar, que constam das reservas do Museu da Sociedade. Recentemente, em 2002, recolhemos vários indícios de actividade metalúrgica, cadinhos e escórias. Entre os artefactos de bronze produzidos, para além de armas e de alfaías agrícolas, os mais numerosos seriam as fibulas e os alfinetes de cabelo. Um objecto frequente, também produzido na Citânia, a julgar pelos fragmentos recolhidos nas sondagens de 2002 seriam caldeirões de bronze, talvez utilizados nas refeições. Caso os solos do Minho fossem menos ácidos muito outros tipos de artefactos metálicos teriam sobrevivido até hoje, facultando uma ideia mais ampla da vida quotidiana de um grande povoado como a Citânia de Briteiros.

Um dos aspectos menos conhecidos dos castros eram os rituais funerários. Tudo indica que as sepulturas que se observam na Citânia são da época cristã, da Idade Média, correspondendo a uma derradeira ocupação do Monte, talvez nos períodos conturbados dos séculos VIII-X. Todavia, há alguns escassos indicadores que apontam para a prática de enterramentos ou cremações no interior das próprias unidades habitacionais, em fossas, sob o lajeado dos pátios, e que poderiam ser acompanhados por pequenas oferendas. Por exemplo no Castro de Santo Ovídio foi escavada uma fossa com um vaso de cerâmica comum intacto. Na Citânia as arrecadas de ouro descobertas num interior de um vaso numa esquina de uma casa, poderiam corresponder a urna funerária de uma mulher. Outros objectivos votivos em bronze recolhidos nas diversas campanhas tivessem estivessem associados aos ritos funerários.

Esta ritual de enterramentos junto das habitações é um costume observado em numerosos povos de África, por exemplo.

O domínio romano não parece ter afectado a Citânia. Algumas referências de textos clássicos sobre o abandono dos castros devem ser encaradas com muita prudência. Situada junto de uma das grandes vias de circulação da *Hispania*, entre *Bracara* e *Emerita*, a Citânia manteve a sua importância e continuou a ser, pelo menos durante o Alto Império o mais importante povoado do médio curso do Ave. Os inúmeros objectos importados revelam um núcleo habitacional habitado por famílias com poder de compra,

com gostos requintados, que passaram a usar a nova louça de mesa, a *terra sigillata* e taças de vidro, bens idênticos aos que se encontram em *Bracara Augusta*. A abundância de ânforas vinárias documenta o consumo de vinho.

Foram catalogadas pelos menos 81 moedas desde Augusto a Adriano, o que nos indica a inserção da Citânia na nova economia monetária.

Apesar do muito que se tem escrito sobre a Citânia seria desejável retomar o seu estudo sistemático, quer através de intervenções cirúrgicas em locais cuidadosamente escolhidos, quer pelo exame minucioso dos apontamentos de Francisco Martins Sarmiento e dos relatórios do Coronel Mário Cardoso. Por um lado seria deste modo possível redigir a história minuciosa da descoberta e valorização de um local paradigmático da Arqueologia Portuguesa. Por outro, alcançavam novos dados científicos.